

ROBINNE LEE



Uma
ideia
de
você

GLOBOLIVROS

Robinne Lee

UMA IDEIA DE VOCÊ

Tradução: Gabriela Peres Gomes

GLOBOLIVROS

ROBINNE LEE é atriz, participou da série *Buffy, a caça-vampiros* e dos filmes *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*. *Uma ideia de você* marca sua estreia na literatura.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Dedicatória
Las Vegas
Bel-Air
Nova York
Côte d'Azur
West Hollywood
Hamptons
Los Angeles
Paris
Malibu
Miami
Nova York, II
Anguilla
Aspen
Beverly Hills
América do Sul
Japão
Lar
Agradecimentos
Notas

Para Eric, que me amou melhor que qualquer um.

LAS VEGAS

ACHO QUE POSSO pôr toda a culpa em Daniel.

Dois dias antes das miniférias que eu tinha planejado passar em Ojai, ele apareceu na porta de casa, de smoking, com nossa filha Isabelle a tiracolo. O carro ainda ligado junto à calçada.

— Eu não posso ir para Las Vegas — declarou, antes de enfiar um envelope vaivém na minha mão. — Ainda estou tentando fechar o acordo com a Fox, e isso vai se arrastar por um bom tempo.

Devo ter lhe lançado um olhar de pura perplexidade, porque ele tratou de acrescentar:

— Por favor, me perdoe. Eu sei que prometi que ia levar as meninas, mas não posso. Vá você no meu lugar. Ou eu posso simplesmente jogar os ingressos no lixo. Para mim, tanto faz.

A embalagem com os pincéis Da Vinci Maestro Kolinsky ainda permanecia intacta sobre a mesinha do vestíbulo, ao lado de um kit de trinta e seis aquarelas da marca Holbein. Eu tinha gastado uma fortuna na Blick comprando os suprimentos necessários para meu retiro artístico. Assim como a viagem para Ojai, eles tinham sido um presente para mim mesma. Quarenta e oito horas dedicadas à arte, ao sono e ao vinho. Mas aí meu ex-marido resolveu aparecer na sala de estar da minha casa, de terno e gravata, para dizer que houvera uma mudança de planos.

— Ela já está sabendo? — perguntei.

Isabelle, que tinha ido direto para o quarto — com certeza para ficar grudada no celular —, não havia escutado a conversa.

Ele negou com a cabeça.

— Ainda não tive tempo de contar a ela. Achei que seria melhor esperar para ver se você podia levar as meninas.

— Ah, assim fica fácil para você, né?

— Nem comece com isso. — Ele se virou em direção à porta. — Se você não puder ir, fale para Isabelle me ligar, e eu vou

compensá-la na próxima vez em que a banda tocar na cidade.

Era a cara dele ter sempre uma resposta pronta. Desvencilhar-se dos compromissos sem o menor remorso. Quem me dera ter nascido assim.

Isabelle e as duas amigas estavam contando os dias para ir ao show da August Moon, uma banda formada por cinco rapazes bonitos da Grã-Bretanha que cantavam músicas pop gostosinhas e levavam as adolescentes à loucura. Daniel “ganhara” os ingressos no leilão silencioso da escola. Tinha desembolsado uma fortuna para comprar quatro passagens de avião para Las Vegas e bancar a hospedagem no Mandalay Bay, tudo para que as garotas assistissem ao show e fossem ao *meet & greet* da banda. Cancelar os planos àquela altura do campeonato não seria nada bom.

— Eu já tenho compromisso — declarei, seguindo-o até o carro.

Ele deu a volta na BMW e tirou uma bolsa grandalhona do portamalas. Os aparatos de esgrima de Isabelle.

— Eu imaginei que você teria mesmo. Sinto muito, Sol.

Por um momento, Daniel permaneceu em silêncio, admirando-me dos pés à cabeça: as leggings, os tênis ainda úmidos depois de correr por oito quilômetros. Em seguida, disse:

— Você cortou o cabelo.

Assenti e levei as mãos ao pescoço, constrangida. As mechas mal batiam nos ombros. Fruto de um ato de rebeldia.

— Já estava na hora de mudar.

Ele esboçou um sorriso.

— Você não consegue deixar de ser linda, né?

A janela com película escura do carro se abriu bem nesse instante e, do banco do carona, uma criatura parecida com uma sílfide acenou. Eva. Minha substituta.

Usava um vestido verde-esmeralda, os longos cabelos cor de mel presos em um coque, um brinco de diamantes dependurado em cada orelha. Era uma jovem deslumbrante, com ascendência holandesa e chinesa, e uma das sócias bem-sucedidas da firma em que Daniel trabalhava. E, como se tudo isso não bastasse, ela estava sentada na BMW do meu ex-marido, parecendo uma princesa

saída dos contos de fadas, enquanto eu suava em bicas. Isso, sim, doeu.

— Tudo bem. Eu levo as meninas.

— Obrigado — agradeceu Daniel, entregando-me a bolsa. — Você é demais.

— É o que todos os caras dizem.

Ele se deteve e, em seguida, franziu o nariz aristocrático. Fiquei esperando a resposta, mas ele não disse nada. Limitou-se a abrir um breve sorriso e tascar um beijo na minha bochecha, a típica despedida constrangedora dos divorciados. Percebi que estava usando perfume, algo que nunca tinha feito em todos os anos que passara ao meu lado.

Fiquei olhando enquanto ele se dirigia ao banco do motorista.

— Para onde você vai todo arrumado assim?

— A um evento beneficente — respondeu, entrando no carro. — Do Katzenberg.

E, com isso, deu partida no carro e foi embora, deixando-me sozinha para lidar com toda a bagagem.

Eu não era muito fã de Las Vegas, aquela cidade barulhenta, gordurosa, suja. O submundo dos Estados Unidos, estirado como uma mancha espalhafatosa no meio do deserto. Já tinha visitado a cidade uma vez, anos antes, para participar de uma despedida de solteira que eu ainda estava tentando esquecer. O cheiro de clubes de strip-tease, perfume barato e vômito... Essas coisas ficam impregnadas na pele. Mas eu não estava ali para viver uma aventura. Dessa vez, não passava de uma acompanhante. Isabelle e as amigas tinham deixado isso bem claro.

As meninas passaram a tarde zanzando pelo resort para ver se encontravam os ídolos, e eu as segui obedientemente. Já estava acostumada com isso: minha filha era uma entusiasta por natureza e tentava fazer um pouquinho de tudo. Isabelle era obstinada e abria o próprio caminho sozinha, dotada daquele espírito tipicamente americano de fazer e acontecer. Fazia aulas de trapézio e patinação artística, de teatro e esgrima... Ela era destemida, e eu adorava

esse seu traço, até invejava. Adorava como ela estava sempre disposta a correr riscos, sem esperar pela permissão de ninguém, sempre seguindo seu coração. Isabelle gostava de levar uma vida que desafiava os limites.

Eu estava com esperança de convencer as meninas a dar um pulo no Centro de Artes Contemporâneas. Seria bom acrescentar um pouquinho de cultura àquele fim de semana — cultura de verdade. Incutir algo de valor naquelas cabecinhas sugestionáveis. Quando eu era criança, passava horas a fio perambulando atrás de minha mãe pelo Museu de Belas Artes de Boston. Seguindo o clique-clique de seus saltos Vivier, o aroma do perfume que ela comprava em Grasse todo verão, feito sob encomenda só para ela. Como minha mãe me parecia inteligente àquela época, como me parecia feminina! Os corredores daquele museu me eram tão familiares quanto as salas de aula do terceiro ano da escola. Mas Isabelle e as amigas nem quiseram saber da minha proposta.

— Mãe, você sabe que eu teria topado sem problemas em qualquer outro dia. Mas esta viagem é especial. Por favor?

Elas tinham embarcado naquela viagem para Las Vegas com um único propósito em mente, e nada ficaria em seu caminho.

— Nossa vida começa hoje — declarara Georgia, dona de uma pele morena sedosa, durante o voo. Rose, a ruiva, tinha concordado, e as três logo adotaram a frase como mantra.

Nenhuma expectativa era alta demais para aquelas meninas de doze anos. Elas ainda tinham a vida inteira pela frente.

O *meet & greet* estava marcado para as seis da tarde. Não sei exatamente o que eu estava esperando. Talvez um evento um tanto elegante, civilizado, mas não foi nada disso. Eles nos amontoaram em uma salinha de espera cheia de luzes fluorescentes nos cafundós da arena. Havia cerca de cinquenta fãs em estágios variados da puberdade: garotas de aparelho, garotas em cadeiras de rodas, garotas ávidas. Apaixonadas, com olhos arregalados e prestes a entrar em combustão. Era lindo e desesperador ao mesmo tempo. E era duro perceber que Isabelle tinha se juntado a essa

tribo. A esse grupo tão variado que buscava a felicidade naqueles cinco rapazes da Grã-Bretanha que não as conheciam, jamais as conheceriam, e que nunca retribuiriam tamanha adoração.

Pais e mães estavam espalhados pelo cômodo. Uma pequena amostra da região central dos Estados Unidos: jeans, camisetas, sapatos confortáveis. Rostos avermelhados graças ao sol implacável de Las Vegas. Percebi que me colocariam no mesmo balaio daquela gente. Seria tachada de “Augie” — o nome que a mídia escolhera para o *fandom*. Ou, pior ainda, seria uma “Mãe Augie”.

As garotas já estavam começando a ficar inquietas quando a porta lateral se abriu, revelando um homem corpulento e careca com uma porção de credenciais penduradas no pescoço.

— Quem quer conhecer a banda?!

O ar se encheu de gritos estridentes, e logo percebi que tinha esquecido meus tampões de ouvido no quarto do hotel. Quando estava na galeria no dia anterior, Lulit, minha sócia, a pessoa para quem eu contava todas as coisas dignas de nota, dissera que seria loucura ir a um show lotado de Augies e não levar algo para tapar os ouvidos. Ela acompanhara a sobrinha a um show certa vez. “Os rapazes são uma graça, mas, nossa, como os fãs são barulhentos”, contara-me.

Isabelle, que estava bem ao meu lado, começou a tremer da cabeça aos pés.

— Está animada? — Dei um apertãozinho em seus ombros.

— Estou é com frio. — Desvencilhou-se do meu toque. Arisca como sempre.

— Os rapazes vão chegar daqui a cinco minutos — continuou o homem corpulento. — Vão passar uns vinte minutos aqui. Preciso que vocês formem uma fila bem ali, do lado esquerdo da sala. Quando chegar a vez, cada uma poderá cumprimentar os rapazes rapidinho e tirar uma foto com eles. Nada de selfies. O fotógrafo vai tirar as fotos, e vocês poderão baixá-las mais tarde. Vamos passar o link do site. Todo mundo entendeu?

Tudo parecia tão impessoal. Daniel certamente poderia ter gastado aquele dinheirão em coisas bem melhores. Enquanto nos

conduziam para a fila, fitei meus sapatos Alaïa e percebi que estava arrumada demais para a ocasião. Que estava muito bem produzida, nos trinques, e que, mais uma vez, para o bem ou para o mal, eu me destacava em relação aos outros. Isso, conforme minha avó paterna me explicara diversas vezes, era meu direito de nascença: “Você é francesa, bem lá no seu âmago. *Il ne faut pas l’oublier*”. Não havia *mesmo* como esquecer meu lado francês. E era por esse motivo que estava tão reticente a ser posta no mesmo balaio daquelas mulheres, mas ao mesmo tempo não podia deixar de notar seu altruísmo, sua paciência. Os sacrifícios que fazemos pelos filhos... Que tipo de mãe eu seria se me ressentisse de Isabelle por viver aquele momento?

E então os rapazes chegaram. Os cinco. O ar parecia fervilhar de agitação e alguém desmaiou. Rose deixou escapar um ganido estridente, como um filhotinho depois de ter a cauda pisada. Georgia lançou-lhe um olhar que dizia “recomponha-se, garota”, e foi exatamente o que ela fez.

A primeira coisa em que reparei foi como eles eram jovens. Tinham uma pele viçosa, orvalhada, como se tivessem sido criados em uma fazenda orgânica. Eram mais altos do que eu imaginava, e esguios. Como os rapazes da equipe de natação da Universidade Brown, só que mais bonitos.

— Então, quem é quem? — perguntei, e Isabelle fez um gesto pedindo que eu ficasse quieta. Ora, então tá.

Seguimos para onde os garotos estavam, bem diante de uma faixa com o logo da banda: grandes letras amarelas sobre um fundo cinzento. Eles pareciam felizes, talvez até empolgados, por interagir com as fãs. Um caso de amor correspondido. Faziam poses exageradas para a câmera e deixavam as adolescentes tímidas mais à vontade; flertavam com as fãs mais velhas — dissimulados, mas sem passar dos limites —, entretinham as pré-adolescentes e deixavam as mães encantadas. Era uma arte. E eles a dominavam como ninguém.

Quando estava quase na nossa vez, Isabelle chegou mais perto e cochichou:

— Da esquerda para a direita: Rory, Oliver, Simon, Liam e Hayes.

— Entendido.

— Não me faça passar vergonha, hein?

Prometi a ela que não faria isso.

E, em seguida, chegou nossa vez.

— Ora, ora, e aí, garotas? — rugiu Simon, com os olhos arregalados, os braços estendidos. Ele tinha uma envergadura impressionante. No avião, Isabelle havia comentado que ele fizera parte da equipe de remo na escola. — Venham, venham, não fiquem com vergonha!

Nem precisou dizer duas vezes. Georgia se jogou nos braços de Simon e Rose se acomodou ao lado de Liam, o mais novinho da banda, um rapaz com olhos verdes e sardas. Só Isabelle titubeou, correndo os olhos por todos eles, de um lado para outro. *Uni-duni-tê...* Parecia que estava em uma loja cheia de doces.

— Não consegue escolher? — perguntou o altão que estava parado em uma das pontas. — Venha cá, fique perto de mim. Eu juro que não mordo. Mas veja só... Rory talvez morda, e Ollie é meio imprevisível, então... — Ele abriu um sorriso deslumbrante. Boca larga, lábios carnudos, dentes perfeitos, covinhas. Hayes.

Isabelle sorriu e rumou para perto dele.

— Arrá! Eu ganhei! Fui o escolhido... Qual é o seu nome, meu anjo?

— Isabelle.

— Fui escolhido por Isabelle! — Ele enlaçou os ombros estreitos dela com um dos braços, como se quisesse protegê-la, e depois olhou para mim. — E você deve ser a irmã mais velha?

Isabelle riu e cobriu a boca com a mão. Tinha feições delicadas, como um passarinho.

— Esta é minha mãe.

— Sua mãe? — Hayes arqueou uma das sobrancelhas, mantendo o olhar fixo ao meu. — *Jura?* Então tá. Oi, *mãe da Isabelle*. Não quer aparecer na foto?

— Não, não precisa. Obrigada.

— Tem certeza? Eu vou fazer valer a pena, prometo.

Dei risada.

— Vou adorar ver você tentar.

— Vou adorar *mostrar* a você. — Abriu um sorriso ousado. — Venha cá. Você vai querer uma lembrança de nossa noite alucinante em Las Vegas.

— Ora, assim fica difícil de recusar...

Minha primeira foto com Hayes é aquela em que estamos em nove, no porão do Mandalay Bay. Ele está com um dos braços ao meu redor e, no outro braço, está Isabelle. Eu tinha encomendado duas cópias do retrato. Com o passar do tempo, Isabelle acabaria rasgando a dela.

— Não acredito que vocês vieram até aqui de avião só para ver a gente.

Os rapazes estavam batendo papo com as meninas, fazendo valer ao máximo os noventa segundos a que tínhamos direito. Liam perguntou a Rose sobre nossa jornada até a Cidade do Pecado, e Simon passou os dedos pelo cabelo de Georgia.

— Eu amei seus cachos.

— Jura? — Georgia não era boba nem nada. Tinha aprendido com a irmã mais velha.

— Vieram até aqui de avião só para passar o dia? Que luxo! — Hayes estava conversando com Isabelle, apoiando-se no ombro dela como um irmão mais velho. Como se a conhecesse desde sempre. Eu sabia que ela devia estar surtando por dentro.

— Vamos ficar dois dias — esclareceu Isabelle.

— Foi um presente do pai dela — comentei.

— O pai dela? — Hayes olhou para mim. Lá estava aquela sobrancelha arqueada outra vez. — Não é *seu marido*?

— Ele *era* meu marido. Agora é só o pai dela.

— Hum... — Fez uma pausa. — Mas que acaso mais feliz.

Dei risada.

— O que isso quer dizer?

— Sei lá. Por que você mesma não me diz?

Havia alguma coisa nele naquele momento. A tranquilidade. O sotaque. O sorriso presunçoso. Encantador.

— Próximos!

Nosso tempo acabou.

Ele voltou a nos agradecer com sua presença quando o *meet & greet* terminou. Depois que todo mundo já tinha tirado suas respectivas fotos e a banda estava distribuindo autógrafos, abrimos caminho até eles em meio a um mar de corpos em movimento. Como peixes nadando rio acima. Por todos os lados, ouviam-se suspiros e gritinhos de “Hayes, posso pôr a mão no seu cabelo?”, mas meu grupo estava firme e forte. Talvez o fato de sermos de Los Angeles tenha contribuído: as meninas já estavam cansadas de ver os filhos de David e Victoria Beckham nos parques da cidade, ou então o “Homem-Aranha” dirigindo na via expressa. Não ficavam alucinadas por qualquer coisinha. E, embora tivessem passado a tarde rodando o resort em busca dos ídolos, elas estavam surpreendentemente calmas.

— Eu estou gostando muito do álbum *Petty Desires*. É tão profundo... — comentou Georgia.

— É mesmo — concordou Rose, entrando na conversa. — As letras são tão inteligentes... Eu amo “Seven Minutes”.

— Ah, você gosta mesmo? — Ele ergueu o olhar, desviando a atenção da camiseta que estava autografando.

— É que vocês... É que parece que vocês entendem a nossa geração. É como se falassem por todos nós. — Isabelle jogou o cabelo para o lado, numa tentativa de flerte, mas o sorriso desajeitado de lábios franzidos entregava sua idade. Ela ainda usava aparelho. Oh, minha doce menina, sua hora vai chegar...

Ela era a minha cara. Olhos grandes e amendoados, lábios carnudos, com o biquinho francês, e pele morena. O cabelo era grosso e castanho, quase preto.

Fiquei observando Hayes entreter as meninas. Seus olhos passando de uma para outra, divertindo-se. Imaginei que já estivesse acostumado com isso. Por fim, seu olhar recaiu em mim.

— Onde é que vocês vão se sentar durante o show, garotas?

As meninas falaram os números das nossas cadeiras.

— Apareçam nos bastidores depois do show. Vou pedir a alguém para buscá-las. Não vão embora. — Ele olhou para mim. Olhos azuis-esverdeados penetrantes e um aglomerado de cachos escuros. Não devia ter mais do que dezenove anos. — Tudo bem?

Assenti.

— Tudo bem.

Era um tanto alucinante sair de uma conversa cara a cara com um dos membros da maior *boy band* da década e logo depois ser empurrada para uma arena tomada pelos gritos estridentes de doze mil fãs. Era como se acontecesse uma mudança no equilíbrio, como se algo se desconectasse. Por um instante, não fazia ideia de onde estava, de como tinha chegado ali, de qual papel devia desempenhar. As meninas, fervilhando de empolgação, correram para encontrar nossos assentos, e minha mente espiralava. Não estava preparada para aquele rompante: o clamor, o som, a energia que emanava de todas aquelas adolescentes no auge da avidez. E me parecia inconcebível que aquilo — tudo aquilo — fosse causado pelos rapazes que tínhamos acabado de conhecer no porão. Rapazes encantadores, isso era inegável, mas ainda assim de carne e osso.

A gritaria começou antes mesmo de a banda subir ao palco e se estendeu, sem interrupções, pelas duas horas e meia seguintes. Lulit estava certa. Era quase impossível se acostumar com aquela algazarra toda. Especialmente para uma mulher que estava beirando os quarenta anos.

Quando eu tinha dezesseis anos, assisti ao New Kids on the Block no Estádio Foxboro, em um dos shows da turnê *Magic Summer*. Eu e alguns conhecidos fomos até lá para comemorar o aniversário de Alison Aserkoff. O pai da garota tinha conseguido ingressos para a primeira fila e acesso aos bastidores. O ambiente era barulhento e pesado e não tinha nada a ver comigo. Ser fã de *boy bands* não era comum entre os alunos da escola que eu

frequentava. Crescemos ouvindo os Stones, U2, Bob Marley. O tipo de música que nunca saía de moda. Por isso, em teoria, cinco rapazes da classe operária de Dorchester, em Massachusetts, não deveriam ter nenhum apelo para nós.

Mas havia algo no ar. A agitação, os hormônios, o calor do palco. A ideia de que eles eram alvo de desejo e cobiça por parte de tantas pessoas acabava por torná-los mais atraentes. E, por um instante, achei que poderia me deixar levar por aquele delírio, que poderia entrar na onda. Mas logo percebi que aquilo seria indelicado, impróprio. E me lembrei de quem eu deveria ser, bem lá no âmago. Assim, tratei de mitigar qualquer devoção desenfreada antes mesmo que pudesse criar raízes. Bem antes do bis no show do New Kids.

Quase vinte e cinco anos depois, aquilo ameaçava se repetir.

Tirando o barulho e os hormônios correndo soltos pelo Mandalay Bay, não tinha como negar que a banda estava dando um show — mas eu não sabia ao certo se um grupo musical poderia mesmo se chamar de banda se nenhum dos integrantes tocasse instrumentos. Rory tocou alguns acordes de guitarra em um punhadinho de músicas, e Oliver dedilhou o piano uma ou duas vezes, mas, fora isso, toda a parte instrumental ficava a cargo da banda de apoio. Na maior parte do tempo, os garotos ficavam cantando e saltitando pelo palco como pula-pulas, dando mostras de virilidade e juventude. Ficavam brincando e fazendo palhaçadas entre si e quase não dançavam, mas os fãs não pareciam dar a mínima para isso.

— Eu amo todos eles! Amo! Aaaaamo! — exclamou Georgia depois de uma performance arrebatadora de “Fizzy Smile”, a faixa-título do primeiro álbum da banda. Lágrimas escorriam por seu rosto de boneca, e os cachos se enchiam de frizz por conta da umidade. — Eles tocaram bem lá no fundo da minha *alma*.

Rose estava claramente de acordo, pois se punha a berrar toda vez que Liam perambulava pela plataforma estendida diante do palco, que o trazia para mais perto de onde estávamos. Isabelle estava em transe, profundamente absorta em cantar e dançar ao som da música. Elas estavam radiantes. E, naquele momento, perdoei Daniel por sempre pisar na bola, porque graças a esse

deslize pude testemunhar o arrebatamento daquelas meninas. Isso não tinha preço.

Assim que a banda saiu do palco depois do último bis, um homem negro grandalhão de crachá se aproximou de onde estávamos. Hayes tinha cumprido a promessa.

— Alguma de vocês se chama Isabelle?

O zumbido incessante em meus ouvidos estava tão intenso que mal consegui entender o que ele estava dizendo. Era como tentar conversar com alguém debaixo d'água. Mas o seguimos até o portão, onde fomos agraciadas com pulseiras e credenciais que nos permitiam acesso total a qualquer lugar.

O silêncio reinou entre nós durante a longa caminhada pelos bastidores. Meu palpite era de que as garotas não queriam estragar aquele momento, temendo acordar de um sonho. Os rostos estavam sérios, cheios de expectativa. Estavam tão empolgadas que mal conseguiam olhar umas para as outras. *Nossa vida começa hoje*.

Fiquei com a impressão de que o segurança estava acostumado a buscar garotas na plateia e entregá-las de bandeja para a banda. De repente, fiquei com medo. Onde é que estávamos nos metendo? Para onde é que ele estava nos levando? E até que ponto eu poderia ser culpada por negligência infantil? Porque, sem dúvidas, entregar três garotas de doze anos para usufruto da banda deveria ser algum tipo de infração, até mesmo um crime. Nada disso. Eu não as perderia de vista. Estávamos em Las Vegas, afinal.

Quando chegamos à festinha, porém, ficou evidente que meus temores eram infundados. Não parecia haver muitas garotas para usufruto da banda por ali, só duas modelos que não reconheci, a dinamarquesa da última edição da *Sports Illustrated*, uma estrela de reality show e uma atriz da nova série da Netflix. Fora isso, os demais convidados pareciam ser a família e os amigos próximos da banda: um bando de britânicos e figurões da indústria, além de um punhado de fãs jovens, comportadinhos e sortudos. Parecia um ambiente bem seguro.

Por fim a banda apareceu, todos de banho tomado, com cabelos úmidos e despenteados. Seguiram-se uma salva e aplausos e assobios, e alguém estourou um champanhe. Fiquei me

perguntando se aquela comemoraçãozinha para celebrar a si mesmos se repetia todas as noites. Isabelle e as amigas não perderam tempo: logo foram atrás de Simon e Liam, que estavam bem no meio do cômodo. Uma vez recuperada a compostura, a missão das meninas estava de pé. Mas eu não sabia muito bem que missão era essa. “Fazer o membro tal da August Moon se apaixonar por mim” parecia um bom palpite, mas não é possível que elas não tenham percebido que esse era um cenário muito improvável. Naquele momento, Rory conversava com a modelo de revista em um dos cantos. O gorro estava puxado para baixo, cobrindo-lhe a testa, as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans preta, fazendo o cós baixo descer ainda mais. A cabeça inclinada e a linguagem corporal deixavam claro: já tinha decidido que aquela modelo seria só dele.

Oliver estava absorto em uma conversa com alguém que devia ser um figurão de alguma gravadora, um homem de terno cinza cintilante que poderia muito bem estar dando em cima dele. O rapaz era o mais elegante da banda. Esbelto e gentil, com olhos castanho-esverdeados e cabelos dourados. Exatamente o tipo de cara por quem eu teria me apaixonado na faculdade, só para depois descobrir que ele era gay. Ou que era profundo demais para se relacionar com alguém que cursava história da arte. De um jeito ou de outro, o tipo de cara que teria partido meu coração.

E lá estava Hayes. Fazendo sala, assim como Simon e Liam, mas de uma forma que parecia mais deliberada, mais intensa. Do meu lugar privilegiado no outro canto do cômodo, onde estava batendo papo com um redator da *Vanity Fair*, eu observava Simon jogando conversa fora e Liam esbanjando juventude, ambos cativando os fãs. Hayes, por outro lado, era mais difícil de ler. A atenção que ele despendia parecia mais sincera. Mesmo de longe, tive a impressão de que nutria conversas mais genuínas com seu séquito de bajuladores.

Mais ou menos meia hora depois, quando já tinha quase esvaziado uma taça de Perrier-Jouët e me desvencilhado do redator, Hayes veio na minha direção.

— Ora, ora, se não é a mãe da Isabelle...

— Meu nome é Solène.

— So-lè-ne... — repetiu, analisando a sonoridade da palavra. —

Tipo: “Nossa, ela é uma pessoa muito *solene*?”.

Dei risada.

— Isso mesmo.

— So-lè-ne — repetiu outra vez. — Gostei. É francês? Você é francesa?

— Meus pais são de lá. São *bem* franceses.

— So-lè-ne. — Ele assentiu. — Eu sou Hayes.

— Eu sei quem você é.

— Pois é. Que coisa, não? — Esboçou um sorriso, o canto esquerdo da boca curvando-se ligeiramente e deixando aquelas covinhas preciosas à mostra. A boca era grande demais para o rosto, larga e incontrita. Mas lá estavam as covinhas, que tornavam encantadora qualquer coisa que pudesse passar por arrogância. — Está se divertindo?

— Estou, sim, obrigada.

— Que bom! — Ficou parado ali, um sorriso no rosto, os braços cruzados sobre o peitoral largo. Estava com as pernas afastadas, algo que os caras altos faziam de vez em quando para ficar na altura dos meus olhos. — Você gostou do show?

— Foi... interessante.

Seu sorriso ficou mais amplo.

— Você não gostou.

— Foi bem mais barulhento do que eu imaginava — comentei, rindo.

— Ninguém tinha avisado? Puxa! Sinto muito por isso, Solène.

O jeito como pronunciava meu nome — a voz rouca, o olhar fixo ao meu, o movimento da língua — parecia muito... íntimo.

— Ah, me avisaram, sim, mas não adiantou. Seus fãs são...

— Muito empolgados.

— É, essa é uma forma de ver as coisas.

Ele riu, jogando a cabeça para trás. Tinha um belo maxilar.

— Eles são uma turma descontrolada. Da próxima vez, vamos arranjar uns fones de ouvido para você.

— Da próxima vez?

— Sempre há uma próxima vez. — Disse isso com uma expressão séria, mas algo ali me fez titubear.

— Quantos anos você tem, Hayes?

— Vinte.

— Vinte — repeti, tomando o resto do meu champanhe em um único gole. Bem, pelo menos vinte era melhor que dezenove.

— Vinte. — Ele mordiscou o lábio inferior e abriu um sorriso.

Teria sido o momento ideal para pedir licença e ir embora. Para chamar as meninas e dar aquela noite por encerrada. Mas eu podia ver a expressão estampada no rostinho delas. Simon estava acariciando o cabelo de Georgia outra vez, e Liam exibia seus passos de breakdance. Estavam tomadas por uma euforia quase palpável. Estávamos lá havia menos de uma hora. Seria cruel arrastá-las de volta tão cedo.

— Você está pensando em ir embora, não está? — A voz de Hayes despertou-me de meu torpor. — Fique, por favor. Vou pegar outra bebida para você.

— Não precisa, obrigada. Estou bem.

— Pfff, balela. Estamos em Las Vegas. — Ele piscou, apanhou a taça vazia que eu segurava e foi até o bar improvisado.

Não saí com muitos caras depois do divórcio. Tive vários encontros com um dos pais da equipe de esgrima de Isabelle e um namorico de dois meses com um roteirista que conheci na aula de spinning. Não transei com nenhum dos dois. Sempre que as coisas ameaçavam ficar um pouco mais sérias do que um flertezinho aqui e outro ali, eu me retraía. Saía de perto. E os três anos de celibato involuntário tinham sido puxados, é claro, mas isso não significava que eu me jogaria na cama de um astro do rock com metade da minha idade só porque ele tinha piscado para mim depois do show. Eu me recusava a ser um clichê ambulante.

Mal tive tempo de planejar minha fuga e Hayes já apareceu com outra taça de champanhe para mim e uma garrafa de água para ele. O cabelo já estava seco e pendia em uma cascata de cachos sedosos. Havia vários blogs dedicados ao cabelo de Hayes — isso eu viria a descobrir mais tarde —, mas ali, nos recônditos do

Mandalay Bay, tive que resistir ao desejo de acariciar suas madeixas.

— Então, Solène, o que mais você faz da vida, além de ir aos shows da August Moon?

— Você é muito engraçadinho, Hayes Campbell.

— Rá! Você sabe meu sobrenome...

— Claro que sei. Eu moro com uma adolescente de doze anos.

— Mas não com seu ex-marido, certo?

— Certo — respondi, rindo. — Você sabe que eu tenho idade para ser sua mãe, né?

— Mas não é.

— Mas eu poderia ser.

— *Mas não é.* — Ele manteve o olhar fixo no meu e abriu aquele sorriso de canto de boca.

Foi bem aí que senti aquele friozinho na barriga, aquele anúncio de que, o que quer que aquele rapaz de vinte anos estivesse fazendo, estava funcionando.

— Você não vai me dar a taça de champanhe? Ou só a trouxe até aqui para me provocar?

— Só para provocar você, é claro — respondeu aos risos, tomando um golinho do champanhe antes de estender a taça para mim. — Um brinde.

Fiquei ali, olhando para ele, sem tomar um único gole. Apenas saboreando o momento.

— Você é mau...

— Só de vez em quando...

— E isso funciona mesmo?

Ele deu risada.

— Na maioria das vezes. Não está funcionando agora?

Abri um sorriso e balancei a cabeça.

— Não tanto quanto você imagina.

— Ai, essa doeu. — Varreu o cômodo com os olhos, procurando alguma coisa. — Oliver!

Oliver olhou em nossa direção. Ainda estava encurralado pelo cara de terno cintilante e parecia ávido por uma desculpa para dar o

fora dali. Observei enquanto ele pedia licença e seguia até onde estávamos.

— Ollie, esta aqui é a Solène.

— Oi, Solène. — Oliver abriu um sorriso charmoso.

Os dois ficaram me olhando de cima, altos e confiantes em igual medida. Estava arrependida da minha escolha de calçados para aquela noite porque, mesmo com um metro e setenta de altura, eu parecia minúscula perto deles.

— Ollie, por favor, me responda uma coisa. Por acaso Solène poderia ser minha mãe?

Oliver arqueou uma das sobrancelhas e, em seguida, lançou-me um olhar demorado da cabeça aos pés.

— Definitivamente não. — Virou-se para Hayes. — E olhe que sua mãe é uma mulher muito bonita.

— Minha mãe é *mesmo* uma mulher bem bonita.

— Mas ela não tem essa aparência.

— Não mesmo. — Hayes sorriu.

Os olhos de Oliver captaram minha atenção.

— O que uma mulher como *você* veio fazer nessa *espelunca* que é Las Vegas?

Tomei um golinho de champanhe. Hora do show.

— Fui obrigada a assistir a uma apresentação da August Moon. E *você* ?

Os dois permaneceram em silêncio por um instante. Hayes foi o primeiro a rir.

— E de quebra ainda é toda espertinha. Ollie, *você* já pode ir andando.

— *Você* acabou de me convidar para a festa, cara.

— Bem, pois se considere desconvidado.

— Hayes Campbell, *você* não sabe mesmo jogar em equipe — declarou Oliver, impassível.

— Eu acabei de salvar *você* daquele imbecil do terno horrível. *Você* está me devendo uma.

Oliver balançou a cabeça e me estendeu a mão com um movimento gracioso.

— Solène, foi um prazer conhecê-la, não obstante a brevidade.

Não obstante a brevidade? Quem eram esses caras? Mas que quinteto mais charmoso. Isabelle e os outros milhões de adolescentes ao redor do mundo estavam no caminho certo.

— Não sabe jogar em equipe, hein? — perguntei assim que Oliver se afastou.

— Eu jogo muito bem. Só não gosto de dividir.

Sorri para ele, arrebatada. Seu rosto parecia uma obra de arte. A boca era um poço de distração. E os pensamentos que me inundavam a cabeça não eram de todo puros.

— Então — continuou ele —, conte-me mais sobre você.

— O que você quer saber?

— O que você está disposta a compartilhar comigo?

Dei risada. Hayes Campbell, vinte anos, e me deixando toda sem jeito.

— O mínimo possível.

Ele abriu aquele sorriso de canto de boca.

— Sou todo ouvidos...

— Se você diz... — Tomei um gole de champanhe. — Hum, por onde começar? Eu moro em Los Angeles.

— Você é de lá?

— Não. Nasci na Costa Leste. Em Boston. Mas já faz um bom tempo que moro em Los Angeles, então... é meu lar, acho. Tenho uma galeria de arte junto com Lulit, minha parceira.

— Parceira? — Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Parceira *comercial*.

Ele sorriu e encolheu os ombros.

— Não que eu fosse julgar ou algo assim...

— Mas ia fantasiar?

Ele soltou uma risada alta.

— Tem certeza de que a gente acabou de se conhecer?

— Você quer que eu continue contando ou não?

— Eu quero que você me conte tudo.

— Enfim, nós temos uma galeria especializada em arte contemporânea em Culver City.

Hayes deixou o assunto pairar por um segundo e, em seguida, perguntou:

— Arte contemporânea é diferente de arte moderna?

— Arte moderna abrange uma gama de movimentos diversos que aconteceram em um período de mais ou menos cem anos. Arte contemporânea é a atual.

— Então imagino que seus artistas ainda estejam vivos?

Sorri.

— Na maior parte do tempo, estão, sim. Então... — Eu precisava de mais champanhe. — O que é que você faz quando não está assistindo aos shows da August Moon?

Ele riu e cruzou os braços.

— Hum, não sei se me lembro. A música meio que tomou conta da minha vida nos últimos anos. Fazer turnês, compor, gravar, dar entrevistas...

— Você compõe suas próprias músicas?

— A maioria.

— Isso é bem impressionante. Você sabe tocar piano?

Ele assentiu.

— Guitarra também. E baixo. E um pouquinho de saxofone.

Abri um sorriso. Claramente eu tinha subestimado os integrantes da banda.

— Você nunca, sei lá, vai para casa e passa o dia à toa?

— Quase nunca. E você?

— Bem menos do que eu gostaria.

Ele assentiu devagar, tomou um gole de água e perguntou:

— E a sua casa? Como é?

— É moderna. Com arquitetura simples. Muitos móveis de meados do século passado. Fica em Westside, no topo das colinas, e tem vista para o mar. As paredes são de vidro, então a iluminação natural vive mudando. Os quartos se transformam ao raiar do dia e ao cair da noite. É como morar no meio de uma aquarela. Eu amo essa sensação.

Quando parei de falar, vi que Hayes me olhava de um jeito que não deveria ser permitido. Ele era tão, tão jovem... E eu tinha uma filha. E era impossível que alguma coisa boa saísse disso.

— Uau... — disse ele baixinho. — Parece a vida dos sonhos.

— É... Tirando a parte do meu...

— Tirando a parte do seu ex-marido — concluiu Hayes, arrematando o que eu ia dizer.

— É. E tudo o que isso traz.

Bem nessa hora, Isabelle se materializou do nosso lado, feliz e com os olhos arregalados.

— Mãe, essa é a melhor festa da *história*! Eu e as meninas estávamos conversando, e a gente chegou à conclusão de que é melhor até que o bar-mitzvá do Harry Wasserman.

— Quê? Não me diga! Melhor que o bar-mitzvá do Harry? — Hayes tinha despertado de seu torpor, qualquer que tenha sido, e entrado no modo ídolo adolescente outra vez.

Minha filha corou e cobriu a boca com as mãos.

— Oiiii, Hayes.

— Oiiii, Isabelle.

— Você se lembrou do meu nome?

— Um palpite de sorte. — Ele deu de ombros. — O que Liam está aprontando ali? Por acaso está fazendo a dança da minhoca? Você sabe que fui eu quem ensinou tudinho o que ele sabe, né? Hum... Que tal uma competição de dança? Liam! — Hayes chamou o amigo, que estava do outro lado do cômodo. — Competição de dança da minhoca! Agora!

Hayes passou o braço em volta dos ombros de Isabelle e começou a guiá-la pelo salão. Eu sabia que ela devia estar explodindo por dentro.

— Por favor, Solène, nos dê licença. Há uma competição em andamento.

A visão daqueles dois — minha filha desajeitada e o astro do rock deslumbrante — atravessando o cômodo lado a lado era tão bizarra e irônica que não pude conter o riso.

Hayes estava mais do que à vontade. Logo já tinha se tornado o centro das atenções: estava prostrado no chão, preparando-se psicologicamente para a competição de dança, rodeado pelos fãs e pelos outros rapazes da banda. A compleição esguia e os movimentos repentinos podiam fazer de Liam um dançarino nato, mas Hayes exercia um fascínio muito maior. Havia uma certa graça em seus movimentos. Deslizava pelo chão com calça jeans preta e

botas. Lançava as pernas para o ar, içando os quadris do chão entre uma investida e outra. Retesava os músculos dos braços a cada impulso. Um vislumbre do abdômen se insinuava por baixo do tecido fino da camiseta. Era um exemplo tão perfeito de virilidade que até olhar para ele parecia algo pecaminoso.

Houve vaias e assobios, e, quando Hayes enfim se pôs de pé, Simon o puxou para um abraço de urso.

— Olhem só para este cara! — rugiu ele, com os olhos azuis bem abertos, os cabelos louros arrepiados. — Existe alguma coisa no mundo que ele não consiga fazer?!

Hayes jogou a cabeça para trás e riu, com o cabelo todo bagunçado, as covinhas em evidência.

— Não, não existe — declarou com um sorriso.

Bem nessa hora, seus olhos foram de encontro aos meus, e foi um momento tão intenso que fui obrigada a desviar o olhar.

* * *

Fomos embora pouco depois da competição de dança. Àquela altura, uma morena esbelta que não parecia ter mais que dezoito anos já havia se acomodado no colo de Liam; Rory estava enroscado com a modelo da revista em um dos cantos, os lábios colados ao pescoço dela, e pelo menos uma dúzia de pessoas da equipe tinha desaparecido e depois retornado com os olhos vidrados. Então, achei que era uma boa hora para tirar as meninas de lá. O redator da *Vanity Fair* já tinha ido embora fazia um tempão.

— A gente se divertiu tanto! Muito obrigada pelo convite.

Estávamos todos reunidos perto da porta. Rose parecia cada vez mais murcha, Isabelle não parava de bocejar e o cabelo volumoso de Georgia se espalhava para todos os lados.

— Não há nada que eu possa fazer para convencê-las a ficar mais um tempinho?

— Já está bem tarde, e nosso voo é amanhã cedinho.

— Você poderia mudar o horário do voo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma ideia de você"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).